



DL-01

Ses. Ord. 30/08/12

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de nossa autoria em comemoração aos 50 anos de Psicologia no Brasil.

Para compor a Mesa convido o Sr. Valter da Mata Filho, presidente do Conselho Regional de Psicologia; a Sr^a Marilda Castelar, representante do Conselho Federal de Psicologia; o Sr. Jeová Moraes, presidente do Sindicato dos Psicólogos da Bahia; o tenente Pessoa, representante do comandante da Base Aérea Maurício Carvalho Sampaio; a Sr^a Mônica Daltro, coordenadora do curso de Psicologia da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública; e uma representante dos estudantes de Psicologia, a aluna Fernanda Oliva Pereira Silva. (Palmas)

Esta é uma sessão especial. Na realidade, hoje pela manhã, teríamos uma sessão ordinária, mas, em função da importância do tema, ela foi transformada numa sessão especial por acordo de Lideranças, da Liderança da Oposição e da Liderança do Governo. Portanto, estamos realizando, aqui, esta sessão especial em homenagem aos 50 anos de Psicologia no Brasil.



3834-II

Ses. Esp. 30/08/12

Or. Álvaro Gomes

Aos 50 anos de Psicologia no Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Inicialmente, eu farei uso da palavra e depois nós a passaremos aos demais membros da Mesa.

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Quero saudar, aqui, o Sr. Valter da Mata Filho, presidente do Conselho Regional de Psicologia; a Sr^a Marilda Castelar, representante do Conselho Federal de Psicologia; o Sr. Jeová Moraes, presidente do Sindicato dos Psicólogos da Bahia; o tenente Pessoa que está, aqui, representando o comandante da Base Aérea Maurício Carvalho Sampaio; a Sr^a Mônica Daltro, coordenadora do curso de Psicologia da Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, que é nossa vizinha e conhecida, grande lutadora; e a representante dos estudantes de Psicologia, a aluna Fernanda Oliva Pereira Silva, compondo, aqui, essa Mesa de comemoração dos 50 anos de Psicologia. Quero saudar também todos os estudantes de Psicologia, os profissionais e todos os presentes.

Inicialmente, quero parabenizar o Conselho Federal de Psicologia, o Conselho Regional de Psicologia, o Sindicato dos Psicólogos da Bahia que têm buscado debater essa temática. Por solicitação dessas entidades, nós fizemos, aqui, essa proposição para debater esse tema que consideramos de grande importância. Na condição de Parlamentar e também de psicólogo não poderia deixar de repercutir, de fazer esse debate, aqui, na Assembleia Legislativa, poder importante para a elaboração de proposições, de leis.

Na realidade, o primeiro curso de Psicologia teve início em 1958. Então, eu nasci com a Psicologia, nascemos juntos. A regulamentação da profissão se deu em 1962, através da lei nº 4.119. Portanto, são 50 anos. Mas o reconhecimento da profissão aconteceu em plena ditadura militar, naturalmente ela sofreu os reflexos daquela época.

Queremos ressaltar a importância que tem a Psicologia para a construção de uma sociedade justa, mais humana. E esse papel deve ser cada vez mais fortalecido. É necessário destacar que não é possível pensá-la desvinculada da situação concreta da população. É



imprescindível entender a realidade concreta da sociedade e buscar construir uma Psicologia cada vez mais benéfica para o ser humano.

Vivemos em uma sociedade consumista que desconsidera a valorização do ser humano, priorizando o ter. As desigualdades sociais são gritantes, provocando sofrimento. De tal maneira que mesmo as elites sofrem, em suas “prisões” luxuosas, os reflexos dessas desigualdades, com o aumento, por exemplo, da violência. Essa violência em nosso País, que provoca tanto sofrimento no ser humano, se reflete em todas as classes sociais, inclusive nas elites, que não podem circular livremente pelas ruas, perdendo aquilo que é mais belo no ser humano, a liberdade de circular livremente.

Para se ter uma ideia, o número de homicídios, em 1979, era da ordem de 13 mil ao ano. Em 2003 esse número aumentou para 50 mil. A partir daí houve uma diminuição gradativa, mas ainda se situa na faixa de 45, 48, 49 mil. Ou seja, é uma quantidade assustadora.

É esta a sociedade em que vivemos, difícil, com graves problemas. E aqui gostaria de elogiar o Conselho Federal de Psicologia, que elaborou uma revista com o título *Subsídios para a Campanha Não à Medicalização da Vida - Medicalização da Educação*, na qual ressalta que sentimentos como tristeza, alegria e medo passaram a ter uma medida tal que, se ultrapassarem certa métrica, considerada como a mesma para toda a população, serão transformadas de sentimentos legítimos em diagnósticos patológicos.

De maneira que o Brasil, segundo esta revista, é o segundo consumidor de metilfenidato, substância utilizada por crianças e adolescentes com a pretensão de se diminuir o chamado déficit de atenção, que é diagnosticado constantemente nas escolas e muitas vezes de forma indevida. O consumo subiu de 70 mil caixas, em dois mil, para dois milhões de caixas, em 2010, segundo ainda a própria revista, sendo o segundo país do mundo a consumir tal medicamento. O primeiro é os Estados Unidos, que é uma sociedade doente. É a maior potência econômica e militar do mundo. Mas é uma sociedade doente, carregada de desigualdades sociais, guerras, conflitos, intervenção no mundo inteiro, uma sociedade realmente doente.



A patologização chega a tal ponto que ações consideradas normais no processo de vida de cada indivíduo são transformadas em transtornos. Ainda citando mais um exemplo que consta na própria revista do Conselho Federal de Medicina, são ações apresentadas por adolescentes de caráter contestador crítico são consideradas transtorno, por exemplo, e muitas vezes fazem parte do próprio processo de vida de cada um, mas aí se rotula como transtorno de oposição desafiadora.

Então são problemas que nós vivenciamos em nosso dia a dia e por isso o psicólogo precisa estar efetivamente inserido no processo de construção de uma sociedade com Justiça Social, contribuindo com seu conhecimento nas políticas públicas nas diversas áreas de atuação, a exemplo da Educação, no SUS, na saúde mental, nos presídios, entre outros.

Eu gostaria de citar como exemplo positivo de atuação da psicologia em nosso Estado, na área organizacional, o caso no Sine Bahia, que é vinculado à Secretaria de Trabalho Emprego Renda e Esporte. O serviço de psicologia foi implantado em 2007 e, hoje, conta com uma equipe de cinco psicólogos e vinte e sete estagiários. Nos últimos cinco anos já atendeu 175 mil pessoas, dentro de uma visão de valorização do ser humano, contribuindo com o trabalho digno e decente, qualificando e orientando as pessoas e não considerando-as como objeto descartável. Por que eu falo isso? Porque na realidade, no Baneb, por exemplo, quando se deu o processo de privatização, ocorreu um nível de suicídio altíssimo, um nível de atendimento psiquiátrico bastante elevado. Aquele foi um momento de muito sofrimento para os bancários do Baneb, foram aproximadamente quatro suicídios, significa, transformando isso em taxa, significa em torno de vinte para cada 100 mil, enquanto que a taxa normal, aqui na Bahia, era em torno de dois a três ao longo de décadas. Foi um aumento considerável, o número de atendimentos psiquiátricos também aumentou de forma considerável. Por que isso? Porque estava lá o serviço de psicologia, e o serviço de psicologia nesse caso estava a serviço dessa situação do mercado, das necessidades da empresa, que era a necessidade de demitir, de tornar o cidadão como objeto descartável. E aí o serviço de psicologia fazia, através de um projeto que foi elaborado, o projeto Fênix, a



classificação dos bancários, como bancário de linha de frente, intermediário e bancários sem perfil. Em outras palavras, significava o seguinte, os de linha de frente eram os bons, os intermediários poderia ser aproveitados e os sem perfil não serviam para nada.

No processo de demissão, vinham logo os sem perfil, depois os intermediários e por último aqueles que eram linha de frente. Nesse caso concreto, que trata da psicologia organizacional, ela terminou sendo utilizada para agravar o sofrimento humano, entrando em contradição com a própria psicologia, que tem como objetivo central diminuir o sofrimento humano.

Quando faço esse paralelo entre o Cine Bahia e essa outra situação do Baneb é para dizer que não podemos em hipótese alguma ficar reféns do mercado, de uma sociedade capitalista, doente, de uma sociedade que busca valorizar o ter em detrimento do ser do ser humano.

Temos que buscar com o nosso saber, a nossa formação, contribuir para a construção de uma sociedade justa, digna, igualitária. Por isso acho que a profissão de psicólogo é de extrema importância e precisa cada vez mais ser valorizada.

Não podemos ficar reféns de uma sociedade doentia, da indústria farmacêutica, por exemplo, que é uma poderosa indústria, com alto poder econômico, nem reféns do capital sem preocupação mais social.

Aqui no Legislativo, temos tido a preocupação de elaborar proposições que venham beneficiar a profissão, e uma das nossas proposições é a que torna obrigatória a presença do profissional na educação, nas escolas públicas e privadas, nos Ensinos Fundamental e Médio, para que possa contribuir com o seu saber, dentro da lógica da construção de uma sociedade com justiça social, e não dentro daquela outra lógica que fica refém dos interesses das elites, do grande capital.

É claro que vamos viver sempre o conflito na luta por uma sociedade justa, e sempre enfrentaremos o conflito, é próprio, é natural da luta de classe, da luta daqueles que buscam a construção de uma sociedade justa com aqueles que buscam a sua situação doentia, pessoal, individualizada. Sempre iremos enfrentar esses conflitos, mas precisamos,



porque aquele profissional que decide ser psicólogo parte do princípio, do pressuposto, de que ele está decidindo a ser psicólogo para poder amenizar o sofrimento humano, para poder contribuir com a melhoria das condições de vida da população.

Esse é o papel, na minha opinião, fundamental do psicólogo, e ele deve ser exercido em todas as suas áreas de atuação, seja na área organizacional, seja no SUS, na educação, em qualquer área é preciso termos esse princípio da construção de uma sociedade nova.

Portanto, entendo que é necessário o grande desafio que enfrentamos, que a categoria enfrenta, que é exatamente o fortalecimento da profissão. Entre as questões colocadas, está a questão da jornada de 30 horas semanais, a questão do piso salarial, porque o profissional psicólogo, psicóloga, assim como qualquer profissional, de qualquer área de atuação, precisa de condições dignas de trabalho, precisa de condições salariais para poder exercer bem a sua profissão.

Portanto é necessário continuarmos com esta luta para que possamos, efetivamente, construir uma sociedade cada vez mais justa e humana, onde todos possam viver com dignidade.

Quero finalizar dizendo que continuamos à disposição naquilo que for competência da Assembleia Legislativa e naquilo que couber a esta Casa, ou seja, através de articulações como elaboração de leis, indicações, proposições, ações e campanhas. Logo tudo o que for de competência da Assembleia Legislativa, podem ter a certeza, vocês contam com o nosso mandato, vocês contam, também, com o psicólogo Álvaro e vocês contam, aqui, com o militante Álvaro.

Durante toda minha vida, busquei construir uma sociedade onde todos possam viver bem e tenham condições dignas, onde o ser humano seja valorizado e não apenas o capital, e não o ter, e não a acumulação. Sempre almejei a uma sociedade onde todos possam viver dignamente, onde a riqueza do país seja dividida igualitariamente e todos possam usufruir dela. Uma riqueza construída coletivamente não pode ser usurpada por uma parcela da sociedade e deixar milhões na miséria e milhões no sofrimento.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

Portanto esta é a nossa bandeira de luta.

Viva a Psicologia com justiça social e a construção de uma sociedade digna.

Um grande abraço. (Muitas palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



3835-II

Ses. Esp. 30/08/12

Or. Mônica Daltro

Aos 50 anos de Psicologia no Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra a Mônica Daltro, coordenadora do Curso de Psicologia da Faculdade Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

A Sr^a MÔNICA DALTRO:- Bom-dia para a Mesa e para todos os presentes. Primeiro, quero agradecer o privilégio de estar nesta Casa e neste evento. Enquanto Álvaro Gomes falava, eu pensava sobre a importância de políticas públicas em nossas vidas.

Ontem, vi que a Bahia foi considerado o estado da Federação que tem o menor índice de fumantes do Brasil neste momento. No momento em que ouvia isso, fiquei pensando sobre a importância de políticas públicas na vida das pessoas, tanto na saúde como no dia a dia, né? É muito gratificante quando vemos o funcionamento da Lei Maria da Penha ou as ações ligadas ao reconhecimento da paternidade.

E quero aproveitar a minha fala para dizer que a psicologia precisa desta Casa. Precisamos que vocês nos ajudem a cumprir a nossa função que é a de transformar a sociedade para melhor.

Como Álvaro disse, não existe apenas uma psicologia. São muitas as psicologias. Há a psicologia que serve ao capitalismo, que aprisiona a sociedade e a torna retrógrada e há a psicologia que transforma, liberta e subverte. O único elemento que podemos ter de elo entre todas elas são, exatamente, as políticas públicas, porque pode nos ajudar a fazer uma mudança.

Fico pensando sobre a importância dessa psicologia que você falou, Álvaro, pois é a mesma que acredito, a que revoluciona e que investe nas pessoas. Precisamos disso nas escolas, nos hospitais, no serviço público e em todos os lugares.

Pensei sobre isso e sobre este mural maravilhoso que temos aqui. Fiquei imaginando se eu estivesse aos pés de toda história da nossa cidade, do nosso estado e do privilégio que é. Fiquei pensando que a psicologia é isso, ou seja, esta história. E a Bahia



está passando a ter isso atualmente. Hoje, há uma representante baiana no Conselho Federal de Psicologia. Isso é uma honra para nós.

Então, eu queria agradecer, dar parabéns a todos, estou fazendo 50 anos também junto com a Psicologia este ano, dizer que é uma experiência incrível ter 50 anos, porque a gente já viveu tantas coisas e agora a gente pode dizer o que a gente quer. Acho que a Psicologia hoje pode dizer qual é o lugar dela na sociedade, no mundo e no cuidado com as pessoas.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



3836-II

Ses. Esp. 30/08/12

Or. Marilda Castelar

Aos 50 anos de Psicologia no Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra à Sr^a Marilda Castelar, representante do Conselho Federal de Psicologia. (Palmas)

A Sr^a MARIILDA CASTELAR:- Vou pedir licença a vocês para ler algumas palavras que preparei em função deste momento histórico para o sistema conselhos.

Em primeiro lugar, é uma honra estar aqui em comemoração aos 50 anos, sabendo que esta Casa tem um psicólogo que luta pelas questões da Psicologia. Eu queria agradecer o convite por este momento. (lê) *“Gostaria de começar dizendo que o panorama da Psicologia hoje é muito amplo em comparação com o momento da aprovação da Lei nº 4.119 de 27 de agosto de 1962, que regulamentou a profissão. É inquestionável o avanço que a Psicologia como ciência e profissão alcançou nos últimos tempos neste País, reflexo da preocupação humana na busca da compreensão dos processos subjetivos presentes na vida moderna. A cada dia aumenta a importância da Psicologia e dos seus campos de conhecimentos e de práticas, somos chamados a participar dos mais diversos espaços das atividades humanas em favor do bem comum e de promover o desenvolvimento social a partir de um projeto ético-político. Falar do desenvolvimento da Psicologia é falar, em um só tempo, do processo de criação do pensamento humano. É assumir e entender que o ser humano está em constante movimento. Um movimento que se põe em diálogo o ser em permanente relação com o mundo, cujo contexto é sócio-político e está em diálogo com suas múltiplas possibilidades de estar no mundo, e se compromete com as transformações contemporâneas.*

A regulamentação da profissão em nosso País foi resultante de um movimento que se iniciou no final da década de 50 por profissionais que se empenharam perante os poderes executivo e legislativo por meio, sobretudo, das associações de psicologia já existentes naquela época.



A Lei, aprovada em 1962, estimulou a criação de cursos de Psicologia. Amplia-se, pois, a possibilidade de preparação de jovens para assunção crítica e criativa de uma nova profissão que se ausenta no conhecimento científico e na intervenção técnica, elementos capazes de contribuir ética, estética, política e socialmente com a sociedade e o desenvolvimento do bem comum.

A psicologia enfrentou momentos difíceis no período em que o país viveu sob a ditadura militar e é atingida no seu potencial de apresentar-se como recurso social que favorece o compartilhamento na diversidade e o respeito à singularidade em todos os segmentos da sociedade brasileira. Ainda nesse período foi excluída como disciplina no ensino médio, por ato do Regime Militar, ao publicar a Lei Federal 5.692 de agosto de 1971 que fixou as diretrizes e bases para o então chamado ensino de 12 e 22 graus. A Psicologia foi sendo paulatinamente ignorada pelo ensino público ficando fora do processo de formação de milhares de jovens brasileiros, por exemplo na discussão da sexualidade, dos conflitos gerados pelo preconceito na escola e da tolerância as indiferenças. Ficamos praticamente condenados nesse período, como brasileiros e como profissionais, a pensar e agir apenas na perspectiva individual e solitária.

Há também nesse período difícil, indícios de violência e tortura” - esse é um passado que, em parceria com a Comissão da Verdade, as entidades de direitos humanos e a realidade dessa história, precisa vir à tona e não podemos ocultar esse nosso passado. contra psicólogos e, por outro lado, da participação de outros psicólogos na promoção de violência.

“Com o processo de redemocratização do país e com a nova Constituição Federal de 1988, reconhecida por ser a mais democrática que o Brasil já teve, sobretudo pela forte participação popular, mas também por seu conteúdo demarcadamente voltado para garantia de direitos, inaugura um novo período de busca pela consolidação democrática. A participação direta do povo na elaboração da Carta Magna marcou seu caráter cidadão. A Psicologia dialoga intensamente com esse cenário e amplia seu potencial crítico afirmando-se como uma ciência voltada para a responsabilidade com as transformação social e não mais uma prática solitária e apartada.



Ao longo desses 50 anos de regulamentação da profissão, a Psicologia afirmou o seu o compromisso de romper com o preceito de reprodução de discursos dominantes e lança um olhar importante para atuação de profissionais que atuam em Saúde, Justiça, Assistência Social, Educação, Trânsito, Esporte, e outros,”que já nessa época iniciavam sua atuação – “sempre com foco no respeito a complexidade e diversidade humana e na melhoria da qualidade da atuação das(os) psicólogas(os) mediante a elaboração cuidadosa de referencias técnicas para a categoria.

A Psicologia assume novos papéis a luz dos direitos coletivos, direitos humanos e sociais. A atividade das(o) psicólogas(o) passa a se articular com as lutas sociais e tem sido incansáveis na denúncia de todo e qualquer tipo de violação de direitos. "Para quem tem uma boa posição social, falar de comida é coisa baixa. E compreensível: eles já comeram" nos alerta Bertolt Brecht. A Psicologia quer falar e fala de "comida", fala para quem ainda não comeu, mas tem igual direito de fazê-lo, fala para todos sem distinção. Destaca-se como marcos da luta da Psicologia em favor dos direitos humanos, a Resolução CFP nº 018/2002 que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação a preconceito e discriminação racial e a Resolução CFP nº 001/99 de 22 de março de 1999 que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação a questão da Diversidade Sexual. A Psicologia sobressai-se também na Campanha Nacional de Direitos Humanos, nas Inspeções Nacionais em unidades de privação de liberdade, na luta pela cidadania plena das mulheres; além de sua presença marcante nos principais debates nacionais como depoimento sem dano, mediação de conflitos, apoio na implementação do Sistema Único de Saúde - SUS e no Sistema Único de Assistência Social - SUAS, na reforma antimanicomial, dentre outros não menos relevantes”, como a “medicalização” que Álvaro colocou aqui.

“É visível a identidade da psicologia com os movimentos de vanguarda, sobretudo no processo de fortalecimento dos novos sujeitos políticos que surgem nos movimentos sociais e que conquistam uma agenda permanente de construção de diálogo nas políticas públicas.



A psicologia assume com veemência a agenda afirmativa que emerge no cenário nacional das políticas públicas. Passa, então, a pensar a questão da subjetividade a partir de diferentes lugares sociais e amplia seu foco sobre as diferenças regionais, açambarcando as populações quilombolas, das quebradeiras de coco, dos povos indígenas - em especial as ameaças agora sofridas pelo povo guarani-kaiowá, dos sertanejos do Nordeste, dos escarpelamentos de mulheres na região amazônica, das emergências e desastres nas Regiões Sul e Sudeste, entre outras questões pontuais do nosso País.

Sabe-se que muito há por fazer, mas muito se tem a celebrar. O Brasil conta hoje com quase 220 mil psicólogos e psicólogas, sendo 29.212 psicólogas(os) atuando no SUS e 20.463 psicólogas(os) atuando no âmbito da Assistência Social. Os quase 220 mil profissionais do Brasil, 89% mulheres, sabem da sua responsabilidade com a população brasileira.

Como estamos na Assembleia, não podemos deixar de falar de projetos fundamentais para a Psicologia, como, por exemplo, o PL das 30 horas, que tramita na esfera federal e cuja aprovação final a categoria aguarda. Já foi aprovado pela Comissão de Seguridade Social.

Também no âmbito federal acompanhamos e participamos ativamente de todas as audiências públicas e às vezes somos surpreendidos pelos setores conservadores, que tentam impedir conquistas importantes como o rebaixamento da idade penal, e igualmente por aqueles que impedem a consolidação da Lei 10.216". Para quem não sabe, é a Lei da Reforma Psiquiátrica.

É preciso ter um olhar cuidadoso para estes projetos de lei, que garantem a proteção integral das crianças e da saúde mental e a diversidade sexual." Em relação à saúde mental deste Estado, é preciso que cuidemos para que as políticas públicas sejam realmente modificadas. Enfim, precisamos comemorar, mas temos muito o que fazer ainda.

Agradecemos a todos e a todas que acreditaram e acreditam neste projeto ético-político da profissão que está em curso no Brasil. E afirmamos nosso compromisso no diálogo que esperam os profissionais, as psicólogas baianas, brasileiras, latino-americanas e



dos países de Língua Portuguesa onde estamos com o foco hoje. Vamos estar todos na segunda amostra e com os movimentos sociais buscando essa construção do bem comum.

Então convido, em nome do Conselho Federal de Psicologia, todos e todas a estarem na 2ª Mostra, que vai acontecer de 19 a 22, em São Paulo.

Obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



3837-II

Ses. Esp. 30/08/12

Or. Geová Moraes

Aos 50 anos de Psicologia no Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Registro as seguintes presenças: Escola de Medicina e Saúde Pública; FTC, Faculdade de Tecnologia e Ciências; Unifacs; Sinebahia/Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte; Centro Médico do Polo; Instituto Valore; Secretaria da Saúde do Estado da Bahia e HGE; e Sedes, Coordenação Pacto pela Vida.

Concedo a palavra a Geová Moraes, presidente do Sindicato dos Psicólogos da Bahia.

O Sr. GEOVÁ MORAES:- Bom-dia a todos e todas, psicólogos, psicólogas e outros profissionais que se fazem presentes à Assembleia, quero começar agradecendo ao deputado Álvaro pelo convite, em nome da Assembleia, para esta comemoração dos 50 anos, como profissão, da Psicologia no Brasil.

Inicio dizendo a vocês que o deputado Álvaro, como eu, vem de uma vida de militância nos sindicatos. E vou entrar por esse viés porque sei do seu trabalho, da sua atividade como diretor do Sindicato dos Bancários e de toda a sua luta pela melhoria desses profissionais que sofrem na mão do capital neste País. Esse é o primeiro aspecto.

Vou começar por onde a professora Mônica tocou, pegando o gancho das políticas públicas. E gostaria muito que vocês pensassem, neste momento de comemoração pelos 50 anos da Psicologia, no que vivemos hoje com as políticas públicas voltadas para os profissionais que trabalham no SUS e no SUAS. Gostaria muito que esta Casa começasse a pensar, ao contratar psicólogos e demais profissionais da saúde e da assistência social, naqueles que atuam no SUS e no SUAS. Observassem como vivemos uma vida precária, como é precário o nosso trabalho; como nos tratam, nos rincões desta Bahia, as prefeituras, que não fazem concurso e contratam profissionais de modo precário.



É por isso que estou pedindo que o deputado Álvaro me ouça com bastante atenção. Precisamos do apoio não só desta Casa, mas dos prefeitos, dos vereadores, dos deputados federais, enfim, daqueles que se propõem a lutar, como a senadora Marta Suplicy, que fez valer o retorno do PL das 30 horas com outra cara. Ela lutou e conseguimos aprovar no Senado.

Antes de mais nada, quero agradecer a essa senadora, que foi muito firme no seu propósito. Agradeço também aos deputados federais que estão lutando pelas 30 horas, porque ainda faltam três comissões para que esse nosso PL chegue até às mãos da nossa presidenta Dilma. Espero que ela, como mulher, entenda que é uma profissão que tem maioria de mulheres, e por isso, por ainda vivermos numa sociedade patriarcal, nos pagam tão mal.

Também precisamos nos preocupar, falando aqui com o Conselho e com as demais entidades que formam psicólogos, com a qualificação da nossa formação. Não posso deixar de tocar nesse assunto, porque, se vermos a história da Psicologia, constataremos que houve um período pré-profissional, de 1833 a 1890, quando ela ainda estava começando a dar os primeiros passos nos primeiros laboratórios que foram montados, quando os médicos começaram a se preocupar, e não conseguiam, a dar conta da saúde mental. E aí começaram a fazer laboratórios onde profissionais ligados à psiquê, com o psicológico, comessem a desenvolver técnicas e a estudar mais o ser humano.

Em outro período, de 1906 a 1975, tivemos um grande avanço na psicologia, começamos a dar suporte a outras profissões, como à medicina e à pedagogia, nos consolidamos aos poucos como profissionais, dando subsídios para entender o ser humano na sua integralidade, o ser humano não apenas como “soma”, mas seu “psiquê”, o psíquico e o mental. É isso que importa, acho que hoje precisamos ter uma visão melhor do ser humano.

O discurso do SUS, como tivemos agora com o concurso do Estado em que foi uma dificuldade tremenda para chamar os psicólogos. Inclusive temos um processo de ação civil pública para que se convoquem os psicólogos que estão lá esperando. Existe a



demanda, existem as vagas e nós não fomos chamados. Será que nós vamos só tratar do físico? A questão entre ser e ter – a gente coloca sempre –, eu tenho um corpo bonito e tal, toda a apologia da beleza do corpo, e não se preocupa com o ser, com o mental, com o psíquico. A gente precisa mudar o modo de ver.

Portanto, neste dia, estou fazendo um apelo para que a gente dê visibilidade. Não existe visibilidade na nossa profissão. Faço um apelo aos Conselhos Regional e Federal de Psicologia, que estão aqui presentes. Inclusive foi um dos temas que o Sindicato da Bahia levantou enquanto membro da Federação Nacional dos Psicólogos – a questão da valorização dos psicólogos. Sei que o Conselho Federal tem feito um esforço muito grande, mas é preciso fazer mais ainda, que tenhamos visibilidade como têm os médicos. Vocês acham que os médicos têm uma posição melhor que nós no mercado hoje, por quê? Porque têm visibilidade. A gente precisa dizer para o que viemos, o que somos, onde trabalhamos, o que fazemos. Se você perguntar à população o que é um psicólogo, ainda existe no imaginário a resposta de que “é aquele que trabalha com loucos”, até de modo pejorativo em relação aos nossos irmãos que são psicóticos e que passam por algum distúrbio.

A questão da diversidade também precisa ser vista. Agora mesmo passei no concurso da Sesab e vou trabalhar no Juliano. E se preocuparam em dizer: você vai trabalhar dentro de um hospital, é muito duro. Eu acho que é mais simples, é só você ver o ser humano na sua diversidade. É nesse aspecto que devemos também lutar neste dia em que comemoramos os 50 anos da psicologia – ver o ser humano de modo integral.

Queria provocar o deputado Álvaro, que sei que é uma pessoa combativa no sua atuação de deputado, que ele lute e faça com que a voz dos psicólogos seja ouvida também numa mesa de negociação em relação ao plano de cargos e salários do Estado. Os médicos agora conseguiram fazer um plano paralelo, particular, a gente precisa participar mais dessa discussão.

Estou fazendo também a *mea culpa*, porque o Sindicato dos Psicólogos é muito novo. Temos só quatro anos, fundamos em 2009 e não temos visibilidade também. Estamos



ainda nos estruturando para dar força a essa categoria de psicólogos e psicólogas, e que possamos atuar com mais força.

Outro apelo que faço neste dia com todos que estão presentes e para toda a comunidade da psicologia, eu acho que isso vai reverberar, este momento em que o deputado Álvaro nos propôs é de dar visibilidade, aí o momento, agradecer a ele este momento de visibilidade da nossa profissão. Isso aqui pode reverberar, a gente vai fazer com que outros momentos e outros espaços sejam ocupados pelos psicólogos, para que a gente possa dizer a todos o que fazemos, qual é o nosso papel, como somos importantes dentro do processo de atendimento à saúde pública, ou mesmo no caminho da saúde que é proporcionada pela rede privada que tenhamos um papel importante no Estado também, fundamental para o ser humano. Acredito que com o decorrer do tempo essas coisas virão mais à tona.

Vocês podem ver que os levantamentos epidemiológicos a população mundial vive momentos terríveis de estresse, de depressão, essa que é um fator na saúde tratado como um distúrbio que afeta milhões, talvez chegue até à casa do bilhão, porque é um percentual quase um terço da população mundial sofre muito com a questão da depressão em vários graus, e a gente sabe, como psicólogos, como isso afeta a vida do trabalhador. Como nós, mesmos, como profissionais, precisamos sermos olhados com mais carinho, com mais cuidado.

Quando a gente luta pelas 30 horas, não é pelo fato de reduzir carga pura e simplesmente, não é o ganho de poder ter um novo emprego, é para que a gente fique melhor. A gente não precisa só de 30 horas, a gente precisa ser bem pago, a gente não precisa ficar numa distância tão grande das outras categorias que ganham bem acima da gente.

Não consigo entender numa democracia, num sistema que busca equidade, a gente ter um distanciamento tão grande, com o discurso na hora de nos contratar: “É o mercado”. A gente não pode ficar com esse discurso puramente capitalista e nos ver só como mercadorias, coisificados, uma reificação do ser, falando em termos filosóficos. Eu não



gosto de ser visto como mercadoria, eu não sou uma coisa, sou um ser humano, sou um trabalhador, sou um psicólogo, também.

Então, não devemos aceitar, devemos lutar de toda maneira para que a nossa profissão seja dignificada, seja valorizada, seja respeitada no âmbito do trabalho, no âmbito da saúde, no âmbito da remuneração, no âmbito local, estadual e federal.

Eu não queria mais me alongar, não sei qual tempo que tenho neste momento, mas quero dizer a vocês, também, que um dos pontos básicos do nosso avanço são duas palavrinhas que acho importante, porque quando a gente fala em despreciação das nossas atividades enquanto psicólogos, estou falando de várias coisas, estou falando de concurso público, 30 horas, boa remuneração e respeito ao nosso trabalho, de dignidade e respeito aos espaços que nós ocupamos. Que respeitem as regras do jogo e nos façam valorizar também.

Quando estou falando aqui em termos de visibilidade, somos responsáveis por isso também. Neste momento, conclamo esta categoria que está aqui, que se fez presente – e agradeço muito que vocês estejam aqui, fico satisfeito de ver que vocês estão presentes –, a veicular e reverberar o que ouviram aqui. A possibilidade de nós enquanto estudantes, enquanto profissionais, enquanto professores, porque há vários colegas aqui que são professores, como fui professor também, de faculdade pública, levar isso para dentro das universidades, para dentro dos nossos cursos, esses discursos precisam ser reverberados lá dentro, cada um de vocês agarrar com força essas questões que foram colocadas aqui agora e fazer com demos vazão a isso, que a gente participe mais dessas decisões, que não deixe que os outros decidam pela gente, que a gente lute pelo nosso espaço.

Então, eu acabo agradecendo, mais uma vez, ao deputado por esta oportunidade, a Mônica, que é uma representante que sei que luta muito para que esse ensino melhore, ela, que atua como professora ou como coordenadora de curso. Quero agradecer a Walter, que está aqui, é o presidente do Conselho Regional, tem lutado, tem dado muito apoio ao sindicato e tem feito uma luta em conjunto com o sindicato para melhorar esta profissão para a qual hoje nós estamos fazendo esta sessão de homenagem, louvando esta profissão nestes 50 anos. E também a Marilda, que vem numa luta e hoje ela está dentro do conselho, foge o



nome da representante, desculpe-me, Fernanda, e ao tenente Pessoa, que está aqui, também neste processo de homenagem, desculpe-me por ter esquecido o nome de vocês, mas acho que vocês também vão entender que este é um dia muito importante na nossa vida.

Acho que a gente deve pegar daqui para diante e fazer com que esta profissão seja respeitada e dignificada como ela merece.

Bom-dia a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



3838-II

Ses. Esp. 30/08/12

Or. Walter da Mata

Aos 50 anos de Psicologia no Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Quero registrar a presença da Uneb e da Sucab. Concedo a palavra a Walter da Mata, presidente do Conselho Regional de Psicologia. (Palmas)

O Sr. VALTER DA MATA FILHO:- Bom-dia a todos e a todas.

Inicialmente, eu quero agradecer ao deputado Álvaro Gomes em propor esta sessão especial em comemoração ao “Cinquentenário de Psicologia”. Quero agradecer, também, a todas as pessoas responsáveis pela organização deste evento, inclusive agradecer, também, as pessoas invisíveis como os responsáveis pela limpeza, som e imagens. Vejam, nós só nos lembramos dessas pessoas quando as coisas dão errado. De antemão, agradeço tudo o que vocês fizeram. Agradeço, também, a todos os psicólogos e as psicólogas presentes assim como os estudantes de Psicologia. Vocês, certamente, são o futuro da profissão.

(Lê) *“É uma grande satisfação e felicidade que me invade ao participar de um momento tão singular para a Psicologia. Só se faz 50 anos uma vez durante toda uma existência. E coube ao destino fazer com que este grupo, que tanto estimo, estivesse à frente do Conselho Regional de Psicologia da Bahia neste momento histórico.”*

Aqui, cito as presentes conselheiras Nicoleta Mendes de Mattos, Maria Celia Vaz de Queiroz Silva e Valdísia Pereira da Mata.

(Lê) *“Agradeço, também, a todos, antecessores e antecessoras desta área, que, com suas dedicação e trabalho, construíram a Psicologia na Bahia. Só existimos desta forma que todos conhecem, porque vocês abriram o caminho.”* E, aí, agradeço, pessoalmente, a Marilda Castelar que, em 2007, com um grupo muito especial, dá início a uma revolução no pensamento da Psicologia e no atuar no sistema de conselho aqui no estado da Bahia.



Quero agradecer, também, a Jeová, porque ele tem de saber de sua importância em conscientizar que nós somos categoria. Nós não somos mais profissionais liberais, porém nós somos, também, profissionais liberais. Vejam, com 50 mil profissionais, ou seja, 25% da categoria presente em políticas públicas, nós somos categoria, pois nós somos empregados. Em outras palavras: ou mudamos a nossa mentalidade ou as coisas não darão certo.

(Lê) *“Falar em 50 anos de existência é falar de história, história de uma profissão ainda jovem que tem se transformado, de maneira intensa, nos últimos 20 anos. Se iniciamos nossa atuação priorizando as áreas clínica e o trabalho a serviço das elites e da política desenvolvimentista, hoje diversificamos nosso fazer.*

A partir da década de 1980, a Psicologia começa a trilhar o caminho da democratização da profissão. Nessa década, ainda de maneira incipiente, mas acelerando o ritmo com o passar dos anos, a Psicologia passa a figurar em políticas públicas. Podemos, hoje, encontrar psicólogos e psicólogas nas mais diversas áreas de políticas públicas como a de assistência social, saúde, defesa civil, contra o tráfico de pessoas, suporte à vítima de violência quer sejam idosos ou não como mulheres e crianças e em tantas outras políticas.

Esta opção pela democratização da profissão advém do fato de que, por mais que os meios de comunicação destaquem o aumento do poder aquisitivo e a expectativa de vida dos brasileiros, não era admissível a uma categoria de tamanha relevância ignorar os ínfimos índices de desenvolvimento humano, a mortalidade infantil, as inoperância e incompetência do sistema carcerário, a galopante falta de educação e a escandalosa concentração de renda dentre tantas iniquidades sociais.

Quem vê a Psicologia hoje atuando em tantas áreas de políticas públicas com o firme propósito de defesa das minorias, pode pensar que a profissão sempre teve este perfil. Mas não. Vivemos, por muito tempo, alimentando o compromisso social com as elites, explicando o humano sem considerar o contexto sociocultural e econômico, naturalizando o fenômeno psicológico, responsabilizando o indivíduo pelo seu sucesso ou pelo seu fracasso.



A importância da Psicologia no cotidiano da população brasileira pode ser ilustrada pelos números expressivos e os trabalhos inscritos na II Mostra Nacional de Práticas em Psicologia a ser realizada entre os dias 20 e 21 de setembro do corrente ano, no estado de São Paulo.” Os dados disso são mais de 30 mil trabalhos. (Lê) “Doze anos após a primeira mostra, o volume dos trabalhos inscritos, em quase 20 áreas de atuação, demonstra o quanto a profissão evoluiu no sentido de se autorreconhecer como participante ativa na configuração social do país.

Após meio século de existência, a profissão se consolida com intervenções mais ousadas e impactantes. A opção pela defesa dos Direitos Universais e Direitos Humanos dão substrato ao atual Código de Ética e resoluções promulgadas pelo Conselho Federal de Psicologia, a exemplo da Resolução nº 01/1999, que estabelece norma de atuação para os psicólogos.” Há, também, os exemplos citados pela Srª Marilda que versam sobre as questões de orientação sexual e o preconceito e a discriminação racial.

(Lê) “Quanto à comemoração do cinquentenário da regulamentação da profissão, há, sim, o que se comemorar, contudo há, também, muito mais a fazer. Acredito que os maiores desafios para a Psicologia sejam acompanhar a velocidade que as transformações sociais se dão e entender os impactos na subjetividade humana, em especial, aquelas transformações causadas pelo desenvolvimento tecnológico. Essas transformações mudaram os diversos padrões de comportamento que vão desde o consumo até os relacionamentos afetivos.

Outro desafio que se impõe à Psicologia decorre da opção da própria Psicologia em se democratizar através da prestação de serviços públicos. É notória a pouca qualificação – teórica e prática – quando se trata de atendimento às camadas menos privilegiadas, um público, até então, desprezado e invisível.

Este é um público que parte da categoria dos psicólogos não se identifica. Este é um público que parte da categoria tende a “patologizar” e desqualificar as formas de expressividade e lógica racional. O público que vos falo é aquele que não frequenta os espaços “vips”, salões de festas ou camarotes. Este público não mora em bairros nobres e



pouco podem refletir acerca de sua própria existência. O público que vos falo é aquele que tem de enfrentar ônibus lotados, humilhações cotidianas e só tem dignidade em programas sensacionalistas vespertinos que ratificam a sua condição de sub-humanos.

No artigo "Humilhação Social: um problema político em Psicologia", o professor José Moura Gonçalves Filho, da USP, afirma que 'a humilhação é uma modalidade de angústia que se dispara a partir do enigma da desigualdade de classes. Para os pobres, a humilhação ou é uma realidade iminente, sempre a espreitar-lhes, onde quer que estejam, com quem quer que estejam. O sentimento de não possuírem direitos, de parecerem desprezíveis e repugnantes, torna-se-lhes compulsivo: movem-se e falam, quando falam, como seres que ninguém vê.'

Se uma categoria, composta atualmente por mais 200 mil psicólogos, deseja, realmente, bater de frente com as assimetrias sociais que atingem mais de 200 milhões de habitantes neste País, será preciso moldar sua identidade de maneira definitiva e majoritária: um perfil inquieto, contestador e, sobretudo, atento às demandas dos oprimidos.

Afirmo ser inegável o avanço da Psicologia enquanto ciência e profissão nos últimos anos. Este avanço é um reflexo da preocupação em entender os enigmas da trama social e os processos subjetivos presentes na vida moderna. Ressalte-se que tudo isso está além do entendimento de que a Psicologia tem de assumir novos papéis à luz dos direitos coletivos e dos direitos humanos. As atividades de psicólogos e psicólogas passam a se articular com as lutas sociais e têm sido incansável na denúncia de todo e qualquer tipo de violação de direitos."

Para isso, está todo mundo conclamando. E, mais uma vez, eu conclamo o deputado Álvaro Gomes para iniciar uma campanha pela inserção efetiva de psicólogos nas diversas instituições públicas de ensino e saúde do estado da Bahia. Isto é, extremamente, importante. Deve ser feito alguma coisa nesse sentido, porque psicólogo na escola é saúde para alunos e é saúde para os professores. (Palmas)



Quero convidar todos os presentes, os que nos ouvem e assistem para o encerramento da “Mostra Itinerante de Psicologia”, na Biblioteca Central dos Barris, amanhã, às 18h30min., pois esta é uma homenagem a todos aqueles que fizeram a história da Psicologia na Bahia.

Eu dou, agora, os parabéns a todos nós, psicólogos, psicólogas e estudantes de Psicologia. Parabéns à Psicologia brasileira pelos seus 50 anos existência. Resta a certeza de que temos muito a comemorar, contudo, também, muito mais a fazer.

Muito obrigado. (Muitas palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



3839-II

Ses. Esp. 30/08/12

Or. Fabrício

Aos 50 anos de Psicologia no Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Vamos abrir o debate para aqueles que se queiram inscrever e fazer uso da palavra pelo tempo de 5 minutos. Agora, vamos fazer uma limitação aqui.

O Sr. FABRÍZIO:- Bom dia a todos. Sou Fabrício, psicólogo, trabalhador da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia e diretor do jovem Sindicato dos Psicólogos do Estado da Bahia. Na verdade, quero aproveitar a oportunidade, o ensejo, para agradecer mais uma vez ao deputado pela oportunidade da realização desta sessão especial, mas também falar para os colegas, profissionais, que estão aqui, e os estudantes.

Eu estava dando uma olhada na lista de presença, observei que boa parte do público aqui é de estudante. Dever-se-iam fazer mais presentes aqui os profissionais. O recado vai para os colegas ausentes, mas para vocês também que são futuros profissionais, para que depois quando se formarem não estejam ausentes dos espaços que nós precisamos ocupar.

Como Jeová falou e Valter mencionou, sempre tenho reforçado a importância de nos fazermos visíveis. Precisamos dizer do que somos capazes, o que podemos com o nosso trabalho proporcionar de benefício para a sociedade. Não esperem que as pessoas, não esperem que os órgãos governamentais ou as empresas nos chamem e nos perguntem o que podemos fazer. Precisamo-nos apresentar, ocupar os espaços que estão aí para serem ocupados nos órgãos de controle social, no Conselho de Psicologia, nas comissões que existem lá, nos sindicatos, nas faculdades, em todas as instituições e entidades de psicologia na Bahia e no Brasil. Se não nos fizermos presentes e dissermos do que somos capazes, as pessoas não nos vão perguntar o que seremos capazes de fazer. Pelo contrário, irão fazer muita confusão. As pessoas perguntam: o que um psicólogo faz? As pessoas não sabem muitas vezes diferenciar, uma coisa muito simples, um psicólogo de um psiquiatra; um



psicanalista, que não é psicólogo, de um terapeuta, que não é psicólogo, precisamos dizer isso. Precisamos ocupar os espaços para que possamos crescer enquanto profissão, para que nos possamos firmar enquanto categoria.

É importante reforçar isso de que somos uma categoria. A maioria dos profissionais de psicologia no Brasil é de empregados. Precisamos sair dessa mentalidade de que somos profissionais liberais, e profissionais liberais que trabalham isolados, cada um em seu consultório, cada um na sua salinha e não se reúnem, não participam, não discutem. E se a gente não se reunir e entender enquanto categoria, diversos espaços não serão ocupados e muitas conquistas não serão realizadas. É uma situação civil pública que está sendo feita nesse concurso.

No concurso anterior da Sesab, da Secretaria de Saúde, de 2005, pelo qual fui convocado, tivemos o mesmo problema. Tínhamos uma demanda imensa de profissionais. Eu conversava com os colegas que estavam trabalhando nos hospitais e todos diziam que estavam precisando de mais profissionais, estavam trabalhando sobrecarregados, e a Secretaria não convocava os profissionais. Começamos a movimentar, articular, o sindicato que ainda não existia na época. Éramos uma comissão pró-sindicato, mas através do Conselho de Psicologia solicitamos à Secretaria da Saúde que nos dissesse qual era a demanda de profissionais no Estado, quantos profissionais eram terceirizados, quantos eram concursados, obtivemos essas respostas. E também naquela época entramos com uma representação junto ao Ministério Público, e depois novos profissionais foram convocados, eu fui um desses profissionais convocados.

Entretanto, vários do nossos colegas que estavam participando dessa comissão para a criação do sindicato, no momento em que foram convocados nunca mais participaram de nenhuma atividade dos sindicatos.

Isso é um alerta. Precisamos participar todo o tempo para que possamos futuramente integrar um momento solene como este quando estivermos, talvez, comemorando 60, 70 anos da Psicologia. E assim não teremos de dizer que vamos dar visibilidade, mas só agradecer, porque aí as pessoas já nos conhecerão, já saberão do que



somos capazes. Então não vamos reclamar que ganhamos mal e trabalhamos muito. Precisamos ter qualidade de vida porque, se a proposta da Psicologia é de proporcionar e colaborar para que as pessoas tenham saúde plena, também necessitamos ganhar bem e trabalhar uma adequada quantidade de horas para que igualmente tenhamos saúde.

Muito obrigado. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



3840-II

Ses. Esp. 30/08/12

Or^a Nicoleta

Aos 50 anos de Psicologia no Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Com a palavra Nicoleta, do Conselho Regional de Psicologia e professora da Uneb.

A Sr^a NICOLETA:- Bom-dia a todos!

Na verdade, só gostaria de reiterar a fala de Valter, na qualidade de presidente do Conselho Regional. Esta tem sido uma preocupação nossa nesta Plenária: contar algumas lutas que consideramos fundamentais para a legitimação da nossa profissão.

Sou professora da Uneb, trabalho na área da Educação há muito tempo e trabalho no interior. Sempre me apresento como representante do interior, que é ainda um espaço obscuro no Estado da Bahia no que diz respeito a esta profissão.

Atualmente temos uma realidade que se inverte, pois o número de escolas e cursos de Psicologia no interior hoje é maior do que o que há na capital, e isso tende a se ampliar. Então assistimos, de maneira fascinante, a uma mudança nessa correlação de forças entre a sede e o Estado. O Estado é muito maior do que a capital.

O que me leva a usar esta tribuna é apenas reiterar a necessidade - e aí sinto a liberdade de falar, Álvaro, enquanto colega de alguém que hoje ocupa esta Casa como deputado - de iniciarmos uma campanha real de inserção do profissional de Psicologia nos espaços institucionais públicos de educação. Estou falando como psicóloga educacional e falo da necessidade de construirmos isso aqui, dar legitimidade com um projeto de lei. Faço parte do Grupo de Trabalho de Psicologia e Educação, que pertence ao Conselho, e acho que está mais do que na hora de unir forças e construir um projeto para começar a transformar essa ideia em realidade.

Eu quero psicóloga educacional na escola, mas não somente nos espaços educacionais públicos do Estado da Bahia como cargo instituído. E também não apenas como promessa de governo, e sim de Estado. Quero psicólogo na legislação, conclamo os



companheiros a iniciarmos esta luta. E só tenho a agradecer a você, enquanto deputado, pelo convite a quem se sente muito honrado estar aqui presente. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



3841-II

Ses. Esp. 30/08/12

Or. Joilma Nobre

Aos 50 anos de Psicologia no Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Tem mais algum aluno ou aluna para fazer uso da palavra?

Concedo a palavra a Joilma.

A Sr^a JOILMA NOBRE:- Bom-dia. Meu nome é Joilma Nobre, sou psicóloga no SineBahia, venho agradecer o deputado Álvaro Gomes, a Mesa, a todos vocês colegas de profissão, nossos futuros colegas - parafraseando de alguma forma as pessoas que estiveram aqui antes -, este é um espaço que vocês precisam ocupar. Antes de mais nada, gostaria de agradecer a oportunidade de estarmos aqui discutindo sobre a nossa profissão. Por vezes, atuamos muito no discurso do precisamos estar, precisamos atuar, mas em poucos momentos discutimos acerca da necessidade de criar novas estratégias, de pensar um panorama diferente para a nossa sociedade. Espaço como este possibilita que possamos desenvolver uma sociedade, uma cultura diferenciada.

Em nome do SineBahia, dos profissionais psicólogos, parabenizo o deputado por essa iniciativa. Solicito que este momento não se torne isolado, que possamos continuar procurando o Conselho para estar criando políticas públicas, desenvolvendo ações diferenciadas para a sociedade de uma forma geral. Essa é a função da Psicologia.

Muito obrigada a todos. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 30/08/12

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Mais alguém gostaria de fazer uso da palavra?

Temos algumas proposições e algumas lutas. Evidente que nenhuma luta consegue ser vitoriosa se não contar com a participação efetiva dos interessados daqueles que estão envolvidos. Acho que precisamos buscar uma maior interação nesse processo. Apresentamos aqui, por exemplo, projetos no sentido do profissional nas escolas públicas e privadas dos Ensinos Médio e Fundamental. É um projeto que está em discussão, em debate, mas não se concretizará, se transformará em realidade, se não houver um certo movimento, se não houver uma mobilização, uma participação.

Todos os problemas terminam repercutindo aqui, nesta Casa, principalmente os problemas sociais, os problemas relacionados à legislação. Aqueles que têm uma participação maior há a probabilidade de aprovação. Por exemplo, o Estado fez um concurso público, vários profissionais das diversas áreas passaram. O Estado tinha até interesse em contratar, em convocar os profissionais, mas o número de vagas não era permitido do ponto de vista da legislação. O número determinado, hipoteticamente, era de 100 vagas. Mas você tinha mais duzentos profissionais que poderiam ser convocados. Entretanto a lei só permitia a contratação de 100. Então, para convocar os outros que passaram no concurso seria necessário fazer nova lei que possibilitasse isso. O que aconteceu recentemente.

A Assembleia Legislativa fez essa lei no último dia, na data limite. Os profissionais me procuraram no gabinete, quando eu falei: “A única possibilidade é fazermos um esforço para essa lei ser aprovada na próxima segunda-feira. Se não for aprovada na próxima segunda-feira, não tem mais solução”. E aí conseguimos. Por que conseguimos? Porque os profissionais vieram para cá, nos procuraram, lutaram. Se ficassem parados, mesmo havendo a necessidade, essa lei não se concretizaria e o Estado não chamaria, salvo engano, de 200 a 300 profissionais da área da Saúde aprovados no concurso anterior.



Esse é apenas um exemplo de outras leis que podemos elaborar e aprovar. Devem haver tramitando na Assembleia Legislativa cerca de 1.500 projetos de lei. Claro que alguns deles são inconstitucionais ou inviáveis; outros são viáveis. Mas é preciso que o próprio segmento interessado e a sociedade se envolvam para que possamos ter êxito.

Há a questões do psicólogo no SUS, na Educação, de o Estado valorizar mais esses profissionais, do ensino da disciplina Psicologia também nas escolas. Enfim, são temas a respeito dos quais já existe iniciativa nossa, do nosso mandato. Mas para que ela ganhe repercussão e possa até ser aprovada – porque não é um processo que começa agora e se concretiza agora –, depende da intensidade do movimento. Pode começar agora e se concretizar rapidamente; porém, a depender da situação, pode durar 1, 2, 5, 10 anos.

Então é preciso uma maior interação para que possamos fazer com que as ideias, os projetos, as proposições se transformem em realidade, senão ficarão adormecidos. É preciso acordar, é preciso levantar para que possamos obter êxito nas nossas lutas, nos nossos projetos, nas nossas proposições.

Queria dar essa informação. Acho que temos tudo para intensificar essa aproximação, essa interação, para que possamos dar a nossa contribuição aqui neste Parlamento.

Está registrado aqui o deputado Aderbal Caldas. Se V.Ex^a quiser, deputado Aderbal, poderá fazer uso da palavra.

O Sr. Aderbal Fulco Caldas:- Muito obrigado pela deferência.

O Sr. PRESIDENTE(Álvaro Gomes):- Eu queria agradecer a presença desta Mesa representativa; da estudante Fernanda Pessoa, de Marilda Castelar, que me ensinou muito quando foi minha professora; de Walter da Mata; de Jeová; de Mônica. Não tive a honra de Mônica ser minha professora porque estudei em outra faculdade. Marilda é mais nova do que eu, viu?

Então, quero agradecer a presença desta mesa representativa, a presença das instituições, a exemplo do Sinebahia e da Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte da Bahia. Agradeço também a presença fundamental dos estudantes e dos profissionais, sem



vocês, aqui, essa sessão existiria, mas sofreria um prejuízo incalculável em vários sentidos. Primeiro, porque é importante que os estudantes participem de debates, de eventos como esse, não é? E segundo, porque a presença dos colegas profissionais, aqui, foi limitada.

É importante ressaltar que essa sessão especial está sendo transmitida, ao vivo, através de um canal fechado e pela internet. Depois, todo o conteúdo da sessão estará disponível para todos que tenham interesse.



3842-II

Ses. Esp. 30/08/12

Or. Paulo Sérgio Menezes

Aos 50 anos de Psicologia no Brasil.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Encerraria a sessão neste momento, mas o colega pediu a palavra. Antes de encerrar a sessão, concedo a palavra ao Sr. Paulo Sérgio Menezes pelo tempo de 5 minutos.

O Sr. PAULO SÉRGIO MENEZES:- Bem, quase meio dia já, então para a gente é bom dia, porque ninguém ainda almoçou. Eu me chamo Paulo Sérgio Menezes, sou psicólogo clínico-jurídico. Fui graduado pela instituição UNIME, inclusive temos colegas presentes. Aproveito um pouco deste espaço, aqui, para fazer algumas colocações. De antemão, quero agradecer essa oportunidade dada por V. Ex^a, deputado Álvaro Gomes.

Estou fazendo atendimento gratuito em seis comunidades. Eu faço um trabalho voluntário envolvendo as questões de saúde mental e de outras patologias que surgem dentro do contexto, dentro das comunidades. Eu venho notando que isso é algo muito novo e não pode ser cobrado diante dessa situação, porque a demanda é muito grande e as pessoas não tem como pagar. As queixas maiores são relacionadas aos problemas do serviços públicos colocados dentro dessas comunidades. Os postos de saúde do município que funcionam o fazem de forma extremamente carente.

Ao refletir, diante dessa minha recente graduação em Psicologia – graças a Deus a Psicologia entrou na minha vida como uma religião, por isso faço trabalho voluntário –, eu vi que em algumas instituições particulares... Não posso falar sobre as instituições públicas, mas vejo nas instituições particulares uma grande deficiência e uma grande necessidade de inserir os estudantes que estão terminando a graduação nos estágios.

Como a gente pode colocar isso, não é, meu irmão? Então, pensei da seguinte forma. Já que o senhor está aqui, hoje, representando a nossa categoria, como o presidente do nosso sindicato falou ali nós não somos simplesmente autônomos, somos também uma categoria, por que não elaborar uma lei que colocasse todos os profissionais e estudantes



dentro do contexto da área de saúde nos postos do município? Ou seja, Seria algo que beneficiaria as instituições particulares ou públicas, os estudantes, a prefeitura, pois a renda não seria retida, e a população, que receberia serviços de saúde de modo geral.

Isso não abrangeria apenas a psicologia, mas também a odontologia, a enfermagem, nutrição, farmácia e a própria medicina. Existem instituições particulares, como todos sabem, a exemplo da FTC, que tem o curso de medicina. Então, por que não inserir isso dentro da comunidade, através dos postos de saúde do município? Agora, isso seria partindo do contexto via município, associado à Assembleia Legislativa.

Gostaria de deixar isso claro para vermos o quanto isso poderia contribuir bastante para os estudantes, porque vivenciariam algo que não aconteceria dentro do núcleo de atendimento da instituição acadêmica.

A carência é muito grande, muitas patologias e problemáticas aparecem, e os alunos poderiam sair com um enriquecimento maior. Para esses estudantes, essa experiência poderia contribuir para sua carga horária no estágio, porque, ao sairmos da instituição, não sabemos de tudo. Só vemos as coisas depois que nos formamos, como estou vendo muita coisa. Às vezes me deparo com situações novas e peço ajuda a outros colegas que têm mais experiência para tirar as minhas dúvidas.

Portanto, professor Álvaro Gomes, seria interessante pensar nesta questão: solicitar da Prefeitura Municipal a inserção desses futuros profissionais nos postos de saúde.

Para salientar, eu, como psicólogo, quero deixar claro que estou levantando a bandeira do nosso piso salarial. Sou candidato a vereador e espero que a minha caminhada como parlamentar dê certo, e conto com o apoio de vocês para que possamos trabalhar juntos por nossa categoria.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. 30/08/12

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Não havendo mais nenhum orador, quero agradecer, mais uma vez, a presença desta mesa representativa de todos os alunos e alunas do curso de Psicologia, dos profissionais, das instituições e de todos os presentes.

Em nome do Poder Legislativo do Estado da Bahia, declaro encerrada a presente sessão.